

Organizado por:
Márcio Aragão

ARCANA GENETRIX: Segredos Ancestrais



ARCANA GENETRIX

SEGREDOS ANCESTRAIS

Organizador: Márcio Aragão

capa

Márcio Aragão

revisão de texto

Márcio Aragão

diagramação

Márcio Aragão

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Arcana genetrix [livro eletrônico] : segredos
ancestrais / organização Márcio Aragão. --
Fortaleza, CE : Criativante, 2024.
PDF

ISBN 978-65-985557-0-2

1. Contos brasileiros - Coletâneas 2. Poesia
brasileira - Coletâneas I. Aragão, Márcio.

24-239995

CDD-B869

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira : Antologia B869

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Todos os direitos reservados aos respectivos autores. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou copiada por quaisquer meios sem a prévia autorização por escrito do(a) respectivo(a)s autor(a)s.

Esta obra foi idealizada para ter distribuição GRATUITA em formato digital (PDF). Venda e/ou distribuição em qualquer outro formato são proibidas.

SUMÁRIO

Entre Luzes e Sombras: A Jornada de Cláudio , por Aldemir B. Oliveira-Filho.....	7
A Teia da Vida , por Aldemir B. Oliveira-Filho.....	14
Eu , por Icy Noctiluca.....	18
Tempestade , por Icy Noctiluca.....	20
Dias Estranhos , por José Ros.....	22
A Matriarca , por Sueli Aparecida Lopes Carneiro.....	29
Segredos Lititianos , por Vanda de Sá Lório.....	35
Daquilo Que Não Fui Capaz, e Nem Deveria , por Vanda de Sá Lório.....	41

Nota do Organizador

Olá a você! Antes de mais nada, quero dizer que sou muito grato pelo seu interesse em nosso trabalho! Os autores e autoras aqui presentes foram escolhidos visando o nosso maior objetivo: disponibilizar-lhe textos de qualidade para que tenha um excelente entretenimento! Espero que você também vivencie os momentos únicos e gratificantes que eu vivenciei ao ler estes textos pela primeira vez (e em escrever também, afinal também tenho um poema aqui no livro!). Tenha uma excelente leitura!

Márcio Aragão

Escrever é a maior das liberdades e a melhor das viagens!

Márcio Aragão

**Apresentamos o
conto:**

**ENTRE LUZES E SOMBRAS: A
JORNADA DE CLÁUDIO**

por

Aldemir B. Oliveira-Filho

Aldemir reside no município de Bragança, norte do Brasil. É professor da Universidade Federal do Pará, desenvolvendo projetos de pesquisa e ações de cuidado, de prevenção e de promoção da saúde.

Cláudio era um homem de sorrisos fáceis. Nas festas, ele era aquele que contava piadas, envolvia-se em conversas animadas e nunca deixava que um copo ficasse vazio. Mas a vida, como um artista caprichoso, decidiu pintar sua tela com cores sombrias após o diagnóstico que mudaria tudo: detecção positiva para vírus da imunodeficiência (HIV).

Era uma manhã cinzenta, quando ele recebeu a notícia. A médica, com seu olhar gentil, falava sobre medicamentos, carga viral indetectável e vida normal, mas Cláudio só conseguia ouvir um eco distante: "Seus testes foram positivos. Você tem HIV". As palavras soavam como um tambor surdo, reverberando em sua mente, enquanto ele tentava processar a avalanche de emoções: medo, tristeza, confusão e um profundo senso de isolamento.

O impacto inicial foi devastador. Ele passou semanas sem sair de casa, evitando o mundo e as interações. A ideia de que alguém poderia saber se tornava insuportável. Olhar no espelho se transformou em um ato torturante; ele via não apenas seu reflexo, mas a sombra de alguém que acreditava estar marcado. Cada olhada curiosa na rua, cada sorriso que não se sustentava, tornava-se um lembrete cruel de sua nova realidade.

No entanto, ao longo dos meses, Cláudio decidiu não se deixar afundar na escuridão. Com o apoio de um grupo de pessoas que viviam com HIV, começou a encontrar uma nova voz. As reuniões, embora inicialmente desafiadoras, tornaram-se um espaço seguro. Ele ouvia histórias de luta e resiliência e, aos poucos,

começou a compartilhar a sua. Cada relato trocado era como um fio que o conectava a outros, revelando uma rede invisível de compreensão. Porém, mesmo em meio a essa nova rede de apoio, Cláudio ainda enfrentava dilemas internos. Quando pensava em voltar a se relacionar, uma onda de insegurança o invadia. Ele temia não ser aceito. As memórias das rejeições que presenciou ou experimentou eram como espinhos, sempre prontos para se lembrar de sua fragilidade. E, por trás do sorriso, havia uma luta constante entre o desejo de se conectar e o medo de ser rejeitado.

A vida social tornou-se uma corda bamba. Em um jantar com amigos, alguém mencionou uma história sobre preconceito. A tensão no ar era palpável, como se todos soubessem que Cláudio, em silêncio, carregava a mesma cruz. Ele sentiu o peso das palavras pesadas e as olhadas furtivas. Naquele momento, a dor do estigma se manifestou como um nó na garganta. Ele sorriu, mas por dentro estava em chamas. "E se eles soubessem?", pensou, enquanto seu coração acelerava.

Com o tempo, Cláudio começou a perceber que algumas das interações eram positivas. Ele se aproximou de pessoas que não só o aceitavam, mas o viam como um ser humano, sem a carga do diagnóstico. Um amigo do grupo, Lucas, se tornou uma figura importante em sua vida. As conversas fluíam como um rio tranquilo e a presença de Lucas trouxe um conforto que Cláudio não sabia que precisava. O humor compartilhado, as piadas sobre a vida e a aceitação mútua começaram a dismantelar as barreiras que ele havia

construído, até que, em um momento particularmente revelador, Cláudio decidiu que era hora de dar um passo.

Ele conheceu Aurora em uma cafeteria, onde ambos costumavam ir. Ela era uma artista vibrante, com olhos que brilhavam como se contivessem um universo inteiro. Eles conversaram durante horas, e o coração de Cláudio batia mais forte a cada risada compartilhada. Mas, quando ela sugeriu um encontro, ele hesitou. A realidade do seu diagnóstico pesava como uma âncora.

Naquela noite, enquanto caminhava de volta para casa, a dúvida o consumia. "Devo contar?", questionava a si. O medo de perder a chance de algo bonito pesava sobre ele, mas a ansiedade de ser rejeitado o paralisava. Assim, decidiu se proteger e não mencionar sua condição. O encontro foi leve e divertido, mas a mentira se tornava uma sombra constante entre eles. Cada toque, cada olhar... Tudo parecia pesar mais do que deveria.

Os dias se transformaram em semanas, e o relacionamento entre Cláudio e Aurora floresceu. Porém, a tensão continuava. Ele estava em uma realidade onde um conflito interno o assombrava constantemente: o desejo de ser amado contra o medo de ser rejeitado. As conversas eram suaves, mas por trás de cada sorriso, Cláudio batalhava contra a sua ansiedade. Ele percebeu que a felicidade que sentia ao lado dela era constantemente ofuscada pela preocupação com o momento em que precisaria se abrir.

Finalmente, numa noite iluminada por estrelas, eles estavam sentados na varanda, e a verdade, finalmente, transbordou. "Aurora,

há algo importante que preciso te contar”, disse, a voz trêmula. A expressão de Aurora mudou. Ele viu a curiosidade misturada com um leve toque de preocupação: – “Eu sou HIV positivo”.

O silêncio que se seguiu foi torturante. Cláudio sentiu como se a vida tivesse congelado. Ele temia a repulsa nos olhos dela, a possibilidade de que tudo que haviam construído fosse desmoronar. Mas, após alguns segundos que pareceram eternos, Aurora tomou sua mão e disse: “Isso não muda quem você é para mim. Eu me importo com você, Cláudio.”

Uma onda de alívio percorreu seu corpo. As palavras dela foram um bálsamo para suas feridas. Eles conversaram longamente sobre o que isso significava, sobre as realidades que ele enfrentava e sobre o amor que ainda poderia existir entre eles. Aurora se mostrou disposta a aprender, a compreender. Ali, naquela varanda, Cláudio percebeu que o amor poderia florescer, mesmo em meio à adversidade.

Entretanto, a luta não havia acabado. Embora Aurora tivesse aceitado, Cláudio sabia que o mundo exterior ainda era hostil. Quando os dois começaram a sair juntos, ele se sentiu vulnerável. As olhadas curiosas e os sussurros ao redor eram constantes. Cláudio, que antes se permitia ser feliz, agora carregava um fardo: o medo de que a verdade sobre ele pudesse ser revelada para todos os outros

Ainda assim, havia momentos de beleza e conexão. As noites em que riam juntos, os passeios de mãos dadas e as conversas profundas tornaram-se preciosas. Aurora se tornou uma âncora em

meio à tempestade, ajudando-o a redescobrir partes de si que ele acreditava estarem perdidas. Ele começou a entender que viver com HIV não era um fardo a ser carregado em silêncio, mas uma parte de sua história que o fortalecia.

Os meses passaram, e Cláudio sentiu-se mais confiante. As experiências do grupo de apoio ajudaram-no a ver a vida de outra maneira. Ele começou a compartilhar sua história em encontros, falando sobre suas lutas e conquistas. Cada vez que se abria, sentia que as sombras se dissipavam um pouco mais.

Um dia, ao voltar de uma reunião, Cláudio decidiu visitar um parque. A brisa fresca e as cores vibrantes das flores despertaram algo dentro dele. Ao sentar-se em um banco, começou a observar as pessoas ao seu redor: famílias, amigos e casais. Ele percebeu que todos, de alguma forma, carregavam suas próprias histórias e lutas.

O mundo não era um lugar feito apenas de luz ou sombras, mas de uma mistura complexa de experiências. Foi então que Cláudio entendeu: ele não estava definido apenas pelo seu diagnóstico. Era um homem que havia amado, rido, chorado e lutado. Sua vida era uma tapeçaria rica, tecida com fios de dor, amor, rejeição e aceitação. E, apesar de tudo, ele ainda tinha esperança.

Nos meses seguintes, Cláudio e Aurora se tornaram um casal sólido, apoiando-se mutuamente. O estigma que uma vez o aprisionara agora parecia mais distante. Ele aprendeu a valorizar cada momento, a celebrar as pequenas vitórias e a buscar a conexão com

os outros, não como um homem marcado, mas como alguém digno de amor e amizade.

A jornada não seria fácil, mas Cláudio sentia que, com Aurora ao seu lado, poderia enfrentar qualquer tempestade. Ele estava finalmente pronto para viver a vida em toda a sua plenitude, entre luzes e sombras, e entender que, na dança da vida, cada passo tinha seu valor, e cada cicatriz contava uma história de resiliência.

**Apresentamos o
conto:**

A TEIA DA VIDA

por

Aldemir B. Oliveira-Filho

Aldemir reside no município de Bragança, norte do Brasil. É professor da Universidade Federal do Pará, desenvolvendo projetos de pesquisa e ações de cuidado, de prevenção e de promoção da saúde.

Em uma comunidade cercada por densa floresta e um rio cristalino, havia uma lenda sobre uma teia mágica chamada "Teia de Vida". Diziam que todos os seres, desde os menores insetos até os humanos, estavam interligados por essa teia invisível. Cada ação de um ser afetava a saúde e a felicidade dos outros.

Nessa comunidade, vivia Sofia, uma jovem que adorava explorar a natureza. Certa manhã, enquanto caminhava pela floresta, encontrou uma aranha tecendo sua teia com delicadeza. Fascinada, ela se sentou para observar. A aranha, percebendo a presença da jovem, falou:

— Olá! Você sabia que minha teia é composta por mais do que apenas fios? Ela representa as conexões entre todos nós!

Sofia ficou surpresa e retrucou.

— Como assim? O que isso tem a ver comigo?

A aranha explicou:

— Cada fio da minha teia corresponde a uma ação. Se eu puxo um fio, isso afeta a todos os outros, assim como na sua vida. Quando você cuida da natureza, está cuidando de si mesma e dos outros.

Intrigada, Sofia começou a refletir sobre suas próprias ações. Na escola, muitas vezes, ela via colegas sendo desrespeitados, mas tinha medo de se envolver. E em casa, ela costumava deixar o lixo espalhado, achando que não fazia diferença.

— Mas, como posso mudar isso? - perguntou Sofia, ansiosa.

— Comece com pequenas atitudes! - sugeriu a aranha.

— Se você escolher ser gentil e respeitar aos outros, fortalecerá a teia. E se cuidar do seu entorno, garantirá que todos prosperem! - enfatizou a aranha.

Aquelas palavras ecoaram na mente de Sofia. Determinada a fazer a diferença, decidiu que naquele mesmo dia iria ajudar sua amiga Clara, que estava passando por um momento difícil. Ao convidá-la para um passeio, Sofia ouviu suas preocupações e ofereceu apoio. Clara sorriu e isso fez Sofia sentir que tinha criado uma conexão.

Nos dias seguintes, Sofia começou a se envolver em ações na escola, promovendo campanhas de respeito e união. Com seus colegas, organizou uma limpeza na comunidade, recolhendo lixo e plantando novas árvores. Sofia percebeu, então, que ao cuidar do meio ambiente, estava também cuidando da saúde de todos, incluindo a sua.

Certa tarde, enquanto caminhava pela floresta novamente, encontrou a aranha.

— Vejo que começou a entender a importância da teia! - disse a aranha, com um brilho nos olhos. E destacou:

— Cada ação que você realiza, por menor que seja, cria uma corrente que toca muitas vidas.

— Sim, e agora vejo que minha responsabilidade não se limita a mim. Estou conectada a todos e a tudo ao meu redor! - Sorriu Sofia.

— Lembre-se de que a teia é feita de pequenas ações diárias. Cuide de si mesma, respeite os outros e valorize a natureza. Assim, a teia se fortalece e todos prosperam juntos. - A aranha acenou, satisfeita.

Com o passar do tempo, a comunidade se transformou em um lugar mais unido e saudável. As pessoas começaram a se ajudar, a respeitar a natureza e a valorizar as conexões que tinham entre si.

Sofia aprendeu que cada pequeno gesto tinha um impacto profundo e que, assim como a aranha, ela também poderia tecer uma teia de amor e responsabilidade.

E assim, a lenda da Teia de Vida se espalhou, lembrando a todos que, por trás de cada ação, existe uma interconexão invisível que une todos os seres em um ciclo de cuidado e respeito. Afinal, a verdadeira força da vida está na responsabilidade que cada um tem consigo, com o outro, e com o meio em que vive.

Apresentamos o poema:

EU

por

ICY NOCTILUCA

Caio Borges (Icy Noctiluca) é um estudante de química de 22 anos que ama música e poesia. Nas horas vagas, ele se dedica ao hobby de jogar videogame e tocar alguns instrumentos. Com uma personalidade melancólica, sempre foi atraído por conteúdos tristes que deixam reflexões duradouras, do tipo que fazem pensar horas sobre o final. Essa sensibilidade o aproximou ainda mais da poesia e dos sentimentos que ela transmite.

Do barulho dos carros na avenida.
Do gatinho deitado na janela.
Da luz do notebook nesse quarto escuro.
Do menino deitado na cama.
Dos pensamentos barulhentos.
Das lágrimas que não param.
(E como eu queria que parassem)
Das músicas tristes.
Da dor em respirar.
Da dor de existir.
Dessa vida que tanto já lutou para ser viva e hoje apenas luta para
não ser apagada.
De quem é familiarizado com o abismo, e já frequentou-o tantas
vezes que decorou o caminho.
De quem sente de uma forma dilacerante e sofre com cada gota que
pode.
De quem queria um dia de chuva e sentir o frio da madrugada.
De quem queria dançar na chuva e se apaixonar.
De quem tenta, busca e já falhou tanto que perdeu as contas.

Apresentamos o microconto:

TEMPESTADE

por

ICY NOCTILUCA

Caio Borges (Icy Noctiluca) é um estudante de química de 22 anos que ama música e poesia. Nas horas vagas, ele se dedica ao hobby de jogar videogame e tocar alguns instrumentos. Com uma personalidade melancólica, sempre foi atraído por conteúdos tristes que deixam reflexões duradouras, do tipo que fazem pensar horas sobre o final. Essa sensibilidade o aproximou ainda mais da poesia e dos sentimentos que ela transmite.

Peguei um barco, e comecei a velejar por esse oceano que sou, mas o meu número de tempestades deixa qualquer marinheiro experiente apavorado, inclusive eu mesmo. Talvez por isso não permito viajantes ao meu lado: um dia, esse barco vai afundar, e com isso, estarei à deriva nesse oceano frio, melancólico e estranhamente familiar. Ao mesmo tempo que desconheço essas águas, estou tão familiarizado que posso jurar conhecer cada cantinho dessa imensidão azul que me cerca. Talvez por isso ainda permaneço respirando e com uma incessante certeza: vai afundar! Como me preparar para tal catástrofe? Não sei nadar! E se eu for engolido? O medo é palpável e sempre comigo tem aquele "mas". O que pode ter no fundo dessas águas tão confusas? Por que temer o meu oceano?

Eu sinto conhecê-lo tão bem! Escuto o seu chamado e em momentos de calmaria, a paisagem que vejo é tão bela! Esse cheiro de mar me traz uma paz tão boa, e esse céu ensolarado me deixa encantado. Posso ver com clareza o que mostra a água. Não tenho medo nesses momentos, e parece difícil assimilar que estou navegando no mesmo oceano de momentos atrás, onde tudo era escuro, com chuva forte, raios e ondas imensas que tentam me engolir. Tenho dois lados de um mesmo oceano e um único viajante disposto a encarar tudo para se encontrar... Vai que o barco afunda e, finalmente, eu aprenda a nadar!

**Apresentamos o
conto:**

DIAS ESTRANHOS

por

JOSÉ ROS

José Ros, um jovem 20 anos que, desde os 17, desenvolveu um interesse pela escrita. Fã de Stephen King, terror, quadrinhos e histórias em geral, ultimamente tentando, também, explorar outros gêneros literários. Nascido no Ceará, região nordeste do Brasil, também tem um pequeno canal no youtube chamado “Algum lugar no escuro”. Atualmente é estudante, e pensa em cursar Publicidade e Propaganda

“Que, dia cara!”, penso eu, me levantando. Eram 13 horas, mais ou menos, e às 14:30 começava o curso de TI. Tinha faltado aula hoje pela manhã (afrial, por que não faltar, não é mesmo?). Olhei o calendário: uma sexta-feira de setembro de 2018.

- Vem comer alguma coisa aqui.- fala minha tia Jane abrindo a porta do meu quarto

- Pera ai!

- Você não vai para o curso?

- Estou só arrumando algumas coisas aqui. Ok, está bom. Estou indo.

- Ok.

Ultimamente estava morando com meu avô, pois ele ficou viúvo há 6 meses

- Vai colocar o sua comida ai?- fala o velho me vendo comer sentado à mesa

- Já estou terminando aqui. Eu volto por volta das 17 horas-

- Vai sair?

- Eu não saio toda quarta e sexta?-

- Quee?- admira-se o velho, não entendendo o que eu tinha falado. Ele tinha um pequeno problema em sua audição.

- Estou indo agora.

- Está bem, está bem. Até outra hora!

Acho que tinha embarcado no metrô... 13:56? Cheguei ao instituto 14:20 e Meg já estava por lá, minha amiga de todas as horas

-E aí?- perguntou ela, distraída com seu celular.

- Chegou agora?

- Umás 14:05 mais ou menos... Você preencheu o formulário?

- Sim.

- Você já sabe oque vai fazer depois do curso? Nossa vida adulta está apenas começando.

- Não faço ideia... E você?

- Também não.

Realmente, eu me sentia meio sem rumo no que dizia respeito a minha vida, ao meu futuro. Tentava não pensar muito nisso. Em 3 meses eu estaria terminando o meu ensino médio, e nem sabia se iria para universidade! Como se isso não bastasse, eu estava com uns problemas domésticos. 'Não quero pensar nisso', dizia eu para mim mesmo. As aulas terminaram por volta das 16:40 e eu já estava arrumando minhas coisas para passar 40 minutos no metrô para ir para casa..

-Quer passar no bar? Não tenho nada para fazer hoje à noite- perguntou Meg, com sua mochila na mão

-Tenho que cuidar do velho, você sabe, né? Meu avô está meio mal com o que rolou com ele.

-Está bem... Depois nós nos falamos por aí.

-Ok.

Fiquei mais ou menos 40 minutos no desembarque. Estava meditando muito a respeito da minha vida naquele momento, no sentido de como minha vida estava estranha, e em como perdi um monte de amizades no último ano, pessoas que eu tinha certa

consideração, mas que pareciam traidores, agora. Tudo parecia meio estranho no sentido de como minha vida estava caótica e tudo o mais.

“Amanhã era sábado”, lembrei. Estava pensando em passar a noite assistindo episódios de uma série anunciada em um canal de TV por assinatura.

- Cheguei!- falei entrando em casa, e percebi que meu avô estava deitado assistindo algo na televisão.

- Opa! – cumprimentou.

- E aí? O que tem para comer?

- Jane deixou alguma coisa no forno. Vê aí...

- Está bem.

- Seu pai ligou para você, à tarde. Eu disse que você não estava em casa.

- Vou falar com ele, aqui.

Depois de ter comido um pouco da lasanha que Jane deixou (estava muito boa), procurei um pouco de sinal de rede de internet, já que aquela área onde eu estava era um pouco remota

- Oi.

- Alô?

- E aí?

- Como é que está, filho?

- Estou bem, e o senhor?

- Também! Sua tia Jane me falou que você estava sem conversar...
Está tudo bem aí?

- Estou bem, sim, pai. Não precisa se preocupar! Mas pai... Sabe um momento em que você se acha incapaz e indeciso diante das escolhas da vida?

- Entendo, voce se sente assim?-

- Não, eu...Eu só estava dizendo mesmo-

- Está bem... Amanhã eu passo por ai.

- Ok.

Estava indo para o meu quarto, observando a lua minguante do lado de fora da sacada, e refletindo: “A minha vida está muito estranha!”. Voltei para dentro da casa, observando que a televisão estava desligada. Concluí que o velho já estava na cama. Eu já tinha baixado alguns episodios de uma serie de terror no meu notebook, e acho que no meio da serie peguei no sono.

Me acordei por volta da 5:10 da manhã, e comecei a fazer alguma coisa para comer (ovos mexidos e torradas com manteiga), até que percebi que alguém estava batendo na porta.

- Jane, a senhora chegou cedo!

- Seu avô ainda está dormindo?

- Sim, a senhora estava falando com meu pai a respeito de eu está sem falar muito. Algum problema?-

-É porque eu percebia que voce estava meio cabisbaixo, deprimido.

-Eu estava me sentindo meio confuso com o rumo da minha vida, daí fiz umas torradas e alguns ovos mexidos para comer. Sse meu avo quiser, tem para ele também. Bom, depois do café vou sair por aí.

Eu tinha feito uma pequena caminhada de mais ou menos 2 km, e voltei depois de uns 30 minutos, por aí. Observei que a estrada de uma cidade do interior em um clima de manhã sem ninguém nas ruas, área vazia.

Cheguei e percebi um carro na frente da casa.

-E aí filho?

-Oi, pai! E aí?

-Como é que está?

-Tudo bem, e você?

-Beleza! Já comeu alguma coisa?

-Eu fiz umas torradas com ovos. Se quiser comer...

-Está deprimido, ainda?

-Ela contou, né?

-Sim.

-Sabe, eu me sinto um pouco indeciso na vida. Não sei o que vou fazer, e não queria trazer esse tipo de problema para você. Tá tudo meio esquisito nesses últimos dias.

-Sabe, um dia após o outro. É uma grande filosofia e...

-Eu entendo, estou tentando não pensar muito no futuro.

Minha tia Jane interrompe a nossa conversa

-O almoço está pronto!- fala ela com uma colher na mão

Depois de terminarmos de almoçar, estávamos na sala de estar conversando (meu avô estava presente também).

-Então não se preocupa com isso. Vai dar tudo certo! Você ainda é jovem.

-Meu filho, quando eu tinha a sua idade ai eu não tinha muitas oportunidades, a não ser trabalhar no armazém com meu pai. Mas você tem o mundo para ganhar! faça algo que te motive! - disse meu avô, sentado na poltrona.

Realmente, foram palavras de grande inspiração. Meu pai tinha voltado de carro por volta das 17:30 da tarde e eu já estava deitado por volta das 19:30. “Amanhã já é segunda-feira. Novo dia, novo eu”. Pensei, meditei nas palavras do meu avô: o “Faça algo que te motive” ecoava na minha cabeça. Pois é! Amanhã, é outro dia...

**Apresentamos o
conto:**

A MATRIARCA

por

**SUELI APARECIDA LOPES
CARNEIRO**

Mãe de 2 filhas, avó de 5 netos. Nascida em São Paulo, mora na cidade de Paulínia – SP. Assistente Social, aposentada e Terapeuta Holística. Escreve para coletâneas É atriz e contadora de histórias.

Acabou de sair mais uma fornada do famoso pão da Mama Maria. O cheiro de pão fresco se espalhou pela vizinhança. Não tinha como conter aquele perfume bom, o forno a lenha ficava no quintal.

Ela abria o forno e retirava os pães com muito cuidado, pois a temperatura era muito alta. Ia colocando em uma grande peneira,

A criançada que brincava nos arredores já estava acostumada, quando sentia o cheirinho de pão quente corria para o quintal de Mama Maria. Lá se deliciavam com generosas porções de pão ofertados pela simpática senhora.

Mama Maria, era filha de imigrantes italianos. Seus pais chegaram ao Brasil na década de 30. Eram jovens, sua mãe com 16 e seu pai com 18 anos. Se casaram às pressas na cidadezinha onde moravam na região da Toscana, e vieram para o Brasil com os pais e tantas outras famílias para trabalhar nas fazendas de café, mais exatamente no interior do Estado de São Paulo.

Maria foi a primeira de 7 filhos. Seus pais trabalhavam na lavoura e ela foi criada embaixo de um pé de café. Começou a trabalhar muito cedo, pois tinha que cuidar da casa e dos irmãos para a mãe ajudar o pai no trabalho braçal. Aprendeu a cozinhar com a mãe que aprendeu com a avó e assim as receitas e o talento para a cozinha foram passados através das gerações. Cozinhava muito bem os pratos da culinária italiana, mas sua especialidade eram os pães. Fazia pães variados, que eram elogiados por todos.

Assim Maria cresceu e logo aos 17 anos enamorou-se de Januário, outro filho de imigrantes com uma história parecida com a sua. Casaram-se numa cerimônia simples e bonita. Maria usou o vestido de noiva que sua mãe usara na Itália. Seus pais fizeram questão de uma festa com muita fartura. Todos os conhecidos foram convidados.

É claro que ela ajudou com o banquete para a festa, principalmente com os pães. A festa terminou com um grande baile no terreiro de café.

Após o casamento, mudou-se para a casa dos sogros. Era muito bem tratada pelo sogro, mas a sogra e as cunhadas tinham ciúmes dela. Foram tempos difíceis, pois ela era tratada como empregada. Deixavam para ela o trabalho mais pesado da casa.

As condições de trabalho eram péssimas porque os homens da casa, não eram caprichosos em fazer utensílios e ferramentas que facilitariam o serviço das mulheres como seu pai fazia. Não tinham nenhuma consideração com elas. Desvalorizavam seu trabalho, eram machistas, tratavam-nas como seres inferiores.

Quando reclamava com o marido, este sempre pedia paciência, que logo teriam sua própria casa.

Engravidou poucos meses depois do casamento e mesmo grávida tinha que fazer o serviço pesado. Sofreu muito no parto, mas ficou imensamente feliz com o nascimento do primeiro filho, Maria quis colocar o nome do pai, que só foi aceito pelo marido e sogros, por ser o nome do padroeiro da Itália, Francesco.

Depois do nascimento de Francesco mudaram finalmente para sua tão sonhada casa, em um pequeno sítio adquirido por Januário.

Agora eram proprietários! Não dependiam mais dos sogros e estavam livres de seu domínio.

O casal teve ao todo 4 filhos: Francesco, em homenagem ao pai de Maria e ao padroeiro da Itália, San Francesco d'Assisi; Vittorio em homenagem ao pai de Januário; Anna, em homenagem à avó de Maria e também porque era o nome da avó de Jesus; e Alice porque Maria quis e a essa altura não deixava mais ninguém escolher nada por ela.

Quando Januário faleceu, vitimado por uma picada de cobra, aos 35 anos, deixando-a viúva com 4 crianças, ela sofreu muito, mas era mulher de fibra, trabalhava muito e conseguiu com ajuda de funcionários contratados para trabalhar na lavoura a cuidar do sítio, da casa e criou os filhos. Foi muito firme, não deixando que as famílias interferissem em seus negócios.

A família de Maria tinha uma tradição que vinha de seus ancestrais, que era, às sextas-feiras: as mulheres faziam pães para distribuir para os menos favorecidos.

Cresceu vendo sua mãe e avó fazerem isso, e ajudou desde menina, assim adquirindo muita prática em fazer pães artesanais. Sua mãe contava dessa prática no vilarejo onde moravam na Itália. Foi assim com as avós, bisavós, tetravós...Essa tradição vinha de muito tempo.

Maria fez questão de manter a tradição, e foi além: começou a fazer macarrão para doar para as pessoas em situação de vulnerabilidade no dia 4 de outubro, dia de São Francisco de Assis.

Começou fazendo sozinha, com seus próprios recursos, grandes panelas de macarronada. Dias antes, pedia para as crianças avisarem a todos os colonos, trabalhadores das lavouras próximas. No dia 4 de outubro, faziam filas no seu quintal, para se servirem do delicioso prato, que passaram a chamar de macarrão da Mama Maria.

Antes, porém, da refeição, todos juntos faziam a oração de São Francisco. Mama Maria ficou famosa na região pela sua generosidade e por tão bela tradição.

Passou a receber ajuda; as mulheres da vizinhança vinham ajudar e traziam também os alimentos. Sua fama se espalhou, chegou na cidade próxima. Os moradores carentes da cidade começaram também a ir caminhando até o sítio para comer a deliciosa macarronada de Mama Maria.

Com o passar do tempo, a prefeitura, começou a ajudar com verbas e mão de obra, porque a macarronada da Mama Maria no dia de São Francisco, virou um evento no calendário da cidade.

Apesar, de todo o sucesso da festa anual, dedicada a São Francisco, Maria não se esqueceu e não deixou de fazer o pão da sexta-feira, seguindo a tradição ancestral. Passou a tradição para as filhas que se comprometeram a dar continuidade, quando ela não estivesse mais aqui.

Mama Maria hoje é uma senhora muito conhecida e respeitada por todos na região onde mora. Os que são beneficiados são muito gratos por essa bela tradição de família.

**Apresentamos o
conto:**

SEGREDOS LITITIANOS

por

VANDA DE SÁ LÍRIO

Após iniciar seus estudos em psicogenealogia, acredita que escrever textos nesta temática possa ajudar pessoas a buscar uma vida mais longa e plena. Formada em Biologia, e com mais de 36 anos de experiência em trabalhos formais, se dedica agora a atendimentos em astrologia, psicogenealogia, terapias corporais e escrita de textos variados. Considera escrever tanto um hobby quanto uma missão pessoal.

E como em todo ano, seu presente de aniversário seria algo diferente. Gostava de começar o novo ciclo se mimando com o inusitado e, desta vez, escolheu se brindar com um mapa natal, uma perspectiva do céu no dia de seu nascimento. Pensava na sina que os astros a teriam metido, quais os pontos fortes e aqueles nem tão convenientes assim, afinal, tinha por convicção que ninguém vem ao planeta Terra por acaso ou a passeio somente. Ouvir de um profissional, que se dedica a esta sabedoria milenar, sobre as informações transmitidas daquela imagem celeste, talvez possibilitasse a abertura de novas perspectivas que a vida ainda não lhe havia apresentado durante todos os seus 28 anos bem vividos.

Aguardava, ansiosa, pelo dia e horário combinados para a apresentação daqueles detalhes sobre seu ser, que ainda não descobrira por si. Lógico que seu excelente senso crítico, e aquela desconfiança que lhe era peculiar, imperariam na elaboração do significado do que seria dito. Porém, mesmo assim, a expectativa era alta. A astróloga escolhida fora indicação de uma amiga, que simplesmente ficou boquiaberta com as descrições e explicações obtidas. Parecia até diferente após a consulta, mais confiante, determinada e cheia de energia. Estes foram os motivos que a inspiraram na escolha deste mimo de comemoração de nova fase anual.

Nas primeiras frases da astróloga, já se surpreendera. Sua idade, segundo ela, corresponderia a uma volta inteira do planeta Saturno ao redor da mandala zodiacal, que leva entre 27 a 30 anos,

retornando para a mesma posição em que estava no período de seu nascimento; este primeiro retorno de Saturno reflete mudanças de perspectivas quanto à estabilidade emocional, profissional e familiar, o que correspondia em cheio aos questionamentos que andava se fazendo, ou que a vida estava apresentando: mais responsabilidades, necessidade de autonomia dos familiares; quem sabe até construir a própria família! Um trabalho estruturado, e com perspectivas de crescimento e independência econômica efetiva, entre tantas outras novas formas de encarar a vida.

A análise do balanço das energias também foi intrigante: água, ar, fogo e terra... Tais elementos primordiais apontavam para uma “falta do elemento fogo”, denotando graus de entraves em novos inícios, no ímpeto de realizações, no vigor que move e rompe a barreira do fazer acontecer. Era justamente assim que se sentia, como se não tivesse garra suficiente para começar os projetos que tanto borboleteavam em sua mente. A correção indicava o desenvolvimento de atividade física e exercícios ao ar livre; no lado místico: o uso de roupas e acessórios na cor vermelha, bem como adornos em madeira. Em sua reflexão interna, foi além: pensou até em uma festa com fogueira. Quem sabe aquilo não seria um fator impulsionador favorável? Aproveitaria a proximidade dos festejos juninos, e faria um evento de aniversário diferente dos anos anteriores.

Na continuação do desfile de dados, ficou surpresa ao saber que mesmo tendo nascido sob o domínio de Gêmeos, os demais

signos exerciam influência no conjunto de seu mapa. A mandala astrológica, um círculo dividido em doze partes que se denominam “casas astrológicas”, mostra pedaços que definem aspectos da vida, como personalidade, finanças, convívio social, família, criatividade, saúde, parcerias, emoções profundas, vida acadêmica, carreira, amigos e, finalmente, a que mais impressionou: a última, a casa do subconsciente e dos medos. Lógico que estes fracionamentos são bem mais complexos que esta simples lista, mas a descrição que se fixou na lembrança, durante o atendimento, fora a mais curta e abreviada, pois seria quase um ato heróico recordar tudo o que fora abordado durante o período de duas horas, repleto de informações e novos conceitos, que por sorte foram gravados para serem revistos quando fosse possível e necessário.

Dentro destas doze casas, desfilam signos, planetas e luminares que vão se correlacionando como em uma dança de passos cadenciados, que criavam desenhos geométricos, em seu centro, nas cores azul e vermelha, expondo referências de facilidades e desafios.

Na analogia aos mitos, pertinentes a cada ponto, e que emprestam características as análises, o que mais chamou a atenção foi “Lilith”. Das muitas histórias vinculadas a esta personagem, se diz que foi a primeira mulher de Adão, expulsa do paraíso, antes da criação de Eva. Neste contexto, no mapa, como referência, se vincula a mulher rebelde, a não aceitação dos padrões de submissão feminina nas relações, demonstrando conflitos entre os sexos.

Assim, se entremearia aos aspectos ligados ao signo e casa onde se encontra. Segundo a astróloga, sua presença em capricórnio, como em seu caso, mostrava problemas vinculados à independência profissional e ao masculino, apontando justamente a situação que atravessa em seu ambiente de trabalho, por liderar homens mais velhos, tendo que se posicionar firmemente para ser respeitada e aceita no comando, apesar de não deixar sua sensibilidade e criatividade serem afetadas. Além disto, como estava alocada na casa doze, se relacionava ao conteúdo do subconsciente e do imperceptível: o espaço reservado ao obscuro. Será que esta configuração conta um pouco sobre a árdua vivência de suas antecessoras familiares? Segredos Lilitianos ancestrais. A informação de caminho feminino em seu legado familiar, outra forma de expressar a herança psíquica que traz em seus genes, ressonante com o que os astros apontavam: os mal-estares entre homens e mulheres, que com atitudes desaconselhadas em seu tempo histórico, desafiaram o padrão social vigente e mudaram os destinos, apesar da força patriarcal bem mais arraigada que a dos momentos atuais.

Conhecia superficialmente a história de suas avós e de algumas bisavós. A avó materna, órfã de mãe ainda criança, fugira do marido após os filhos crescerem, abandonando-o. A avó paterna, vivenciou um casamento longo e feliz, porém sua mãe fugira da família na Espanha, vindo para o Brasil, enganada pelo namorado, que, após a saída do navio, revelou que jamais voltariam à pátria, levando consigo saudades da família para sempre; seu pai até tentou

resgatá-la, mas não chegou a tempo no porto. No Brasil teve filhos, e pelo que se comentava, parece que viveu bem. A bisavó paterna, mãe do avô, foi abandonada com dois filhos pequenos pelo marido, que tinha problemas com bebida alcoólica, e experienciou muitas desavenças até a separação.

Parecia que os astros apontavam para sua herança psíquica, a vida conturbada das mulheres ancestrais de seu clã, a influência que estes acontecimentos e vivências deixavam registrados, e se expressavam também em seus próprios atos e ações, gerações depois, reproduzindo situações incompreendidas, que perturbavam, mas que agora desvendadas, talvez indicassem uma rota de saída, uma solução para amenizar a carga que nem sabia suportar. Olhar para esta Lilith e reconhecer o sofrimento e a herança não grata, separar o joio do trigo e emprestar um olhar, mais atualizado, mais real. Sabendo que se é o fruto, mas que não é preciso repetir. Buscar a energia do fogo para transmutar e, quem sabe, usar dos avanços em genética e sua ligação com os processos mentais, a famosa neurociência, para se safar e permitir viver melhor o lado brilhante do feminino, que não suporta quieto a desigualdade, o sofrimento, e que caminha na via favorável que o mundo de hoje oferece. Concluiu que acertara no presente que se proporcionou, enxergando um novo ano repleto de oportunidades a se apresentarem em sua vida. Já sentia o prenúncio da leveza da alma, e sorria sozinha, vislumbrando o futuro promissor.

Apresentamos o microconto:

DAQUILO QUE NÃO FUI CAPAZ, E NEM DEVERIA

Por

VANDA DE SÁ LÍRIO

Após iniciar seus estudos em psicogenealogia, acredita que escrever textos nesta temática possa ajudar pessoas a buscar uma vida mais longa e plena. Formada em Biologia, e com mais de 36 anos de experiência em trabalhos formais, se dedica agora a atendimentos em astrologia, psicogenealogia, terapias corporais e escrita de textos variados. Considera escrever tanto um hobby quanto uma missão pessoal.

E em sua mais alta pretensão, achou que poderia ter paralisado o dedo no gatilho que a mão de outrem manejava, pelo menos dando tempo ao autor pensar melhor, respirar, e deixar o oxigênio clarear seus pensamentos conturbados, guiados pela forte emoção já repetida em tantas outras gerações do mesmo clã.

Vislumbrava um final diferente para a trágica história familiar, que nunca mais foi a mesma depois do ocorrido entre aqueles irmãos. Se culpava por não estar presente, por não poder aconselhar, deter ou intervir. Porém, ainda era recém-nascido, mal sabendo caminhar ou interagir verbalmente. Divergências entre tempo e espaço. Mesmo sabendo que só lhe restava compreender e aceitar, que certas características hereditárias ultrapassavam a genética, até que o corte ocorra, até que ninguém mais esteja disposto a se oferecer em sacrifício, não sendo mais necessário compensar as mazelas do passado, que não pertencem ao presente, mas somente a necessidade inconsciente de repetir para pertencer ao clã, representação ancestral de sobrevivência, que deveria acolher e proteger. Mas, vitimado por um curto-circuito, faz justamente o contrário, deixando sequelas emocionais e perpetuas nas gerações vindouras.

Este *e-book* é uma produção da editora Criativante. Para saber mais a respeito do nosso trabalho, por gentileza acesse o nosso site www.criativante.com.br, ou o nosso instagram: @criativanteeditora

Quer entrar em contato conosco para enviar seu conto, poema, livro, ou mesmo para obter maiores informações? Nosso e-mail é contatocriativante@gmail.com . Espero que tenha apreciado a leitura deste livro! Até a próxima!

Atenciosamente,

Márcio Aragão
Editor-Chefe
Criativante